

I. A Escrita e o Arquivo: Condicionantes e Práticas

A memória da nobreza prolonga-se no tempo, é uma memória linhagística. Os personagens de referência cronológica identificam-se com antigos membros da família. Os acontecimentos retidos são mais vastos e incluem, para além da história patrimonial, as vinganças privadas, as (/16) proezas guerreiras, as alianças com famílias prestigiadas, os ditos dos antepassados.

Tradições ciosamente conservadas, mesmo quando difundidas sob forma oral. O prestígio do nobre não se ligava apenas aos sinais exteriores de poder: vestuário, riqueza e sua distribuição, cargos desempenhados. Ligava-se, também, a aspectos simbólicos, nomeadamente à importância dos seus ascendentes; aspecto tanto mais marcante quanto se acreditava que as virtudes e valentia se transmitiam pelo sangue. Daí a procura de origens ilustres, de fundadores de linhagem, reais ou míticos, que se tivessem ligado a casas nobres desaparecidas mais ainda lembradas, a seres sobrenaturais, a santos.

...Conservando nas suas bibliotecas os textos historiográficos da antiguidade e as obras elaboradas durante os primeiros séculos do cristianismo, a par da antiga e variada documentação, a Igreja é a única força social que durante grande parte da Idade Média se pode pensar no tempo, isto é, na história.

Este saber histórico não é só utilizado como forma de rivalidade e concorrência entre várias instituições religiosas, no sentido de fazer remontar a sua fundação a um passado mais remoto, ou a um personagem particularmente reverenciado, como seja um apóstolo ou um santo venerado, como é instrumentalizada e posta ao serviço das diversas famílias reais que (/18) rivalizam entre si e com a nobreza em torno da questão da antiguidade das origens.

§ ...Nas cantigas de escárnio e maldizer dos cancioneiros galaico-portugueses, trovadores e jograis, satirizam os nobres que ignoram as suas origens familiares. Trata-se da crítica aos validos reais que circunstâncias políticas diversas aproximaram do poder, e que não são oriundos das antigas e prestigiadas famílias que até **Sancho II** desempenharam um papel político fundamental. Polémica entre os representantes da velha nobreza senhorial de Entre-Douro-e-Minho e da nova aristocracia do Centro e Sul ligada à Reconquista, às cidades e às ordens militares.

...É nesse ambiente de escândalo e polémica, onde parecia eminente a substituição dos antigos valores, que surgem os Livros de Linhagens. Compilam-se então as antigas genealogias das famílias que teriam "andado a filhar o reino de Portugal". Por elas, a nobreza recente procura encontrar as suas origens, considera-se herdeira das antigas famílias que, no seu conjunto, são consideradas anteriores à própria fundação da nacionalidade, (/20) isto é, mais antigas do que a família régia.

...Contra o culto das origens romanas, que correspondia às tendências unificadoras do imperador e do papa, os diversos monarcas dos reinos do ocidente medieval procuram encontrar os primórdios dos seus Estados num tempo anterior à própria Roma e que seja politicamente neutro, isto é, não reivindicado por nenhuma força política tendencialmente hegemónica. Aparecem assim as origens troianas nas histórias nacionais de diversos reinos, e o culto de personagens de um passado assumido como próprio, o que é o caso de Carlos Magno em relação à França, e do rei Artur em relação à Inglaterra.

Em **Castela**, a historiografia afonsina desenvolve-se durante um reinado marcado pelas pretensões imperiais e por lutas internas, nas quais a nobreza desempenha um papel de relevo. Pela **Crónica Geral de Espanha, Afonso X** visa um duplo objectivo: afirmar a superioridade política da península, pela recordação do seu passado ilustre, no conjunto do Ocidente, e sublinhar o papel assimilador e condutor da dinastia reinante, como síntese e cadeia de transmissão desse mesmo passado, no plano interno do reino e no conjunto das diversas formações políticas peninsulares.

É a **Crónica Geral de Espanha de Afonso X**, que está na origem da **Crónica Geral de 1344** do conde D. Pedro de Barcelos, uma das primeiras histórias de origem leiga em Portugal, em conjunto com a anterior e perdida (/21) **Crónica Galaico-Portuguesa de Espanha e Portugal**, que se insere numa outra tradição historiográfica, ainda mal delineada. Tal projecto de repensar o passado do reino é no entanto ambíguo.

c

Atitudes face à Inovação/Tradição na Sociedade Medieval

Que sabemos, por exemplo, do percurso biográfico do conde **Henrique de Borgonha** antes do seu casamento com D. **Teresa**? Praticamente nada.

...Contudo, tal não implica que indivíduos que hoje consideraríamos jovens, não detivessem desde muito cedo autonomia social. Basta recordar o caso de D. **Teresa** que assume a chefia do condado portugalense aos 21 anos, aí sendo substituída a favor do filho, quando este tinha uns escassos 19 anos, tendo, por outro lado, a sua irmã **Urraca** 28 anos quando sucedeu a **Afonso VI** de Leão e Castela, assumindo o respectivo filho, **Afonso VII**, o poder aos 21 anos. O mais curioso é observar como estas duas gerações de reis e rainhas cuja média de idade de chegada ao poder rondava os 22 anos, são representadas nas iluminuras de códices elaborados em Santiago de (/29) Compostela. Nada deixa transparecer a sua juventude. São representados como adultos de meia idade em pose semelhante à das imagens em que figurava o Deus-Pai. De resto, os rostos e os pormenores anatómicos diferem pouco entre si, sendo muito idênticos aos utilizados para representar antigos soberanos peninsulares como os reis asturianos e os seus supostos antepassados, os monarcas godos de Toledo.

Na iconografia régia elaborada nos centros eclesiásticos, a realeza peninsular perdia os atributos da sua real juventude e individualidade. Os soberanos apresentavam-se como novas personificações de um antigo poder, que, através dos reis godos, recuava, segundo genealogias difundidas nos tempos visigóticos, a Noé e a Adão, aos velhos patriarcas do **Antigo Testamento**. Os reis envelheciam nas imagens que deles se elaboravam. Tornavam-se símbolos da condução temporal de um mundo que, na perspectiva clerical, caminhava para um retorno aos tempos primordiais, para o reencontrar, através do Juízo Final, da pureza e eternidade paradisíacas.

a

II. A Comemoração das Origens: Reis, Santos e Heróis

Tempo de Godos e Tempo de Mouros. As Memórias da reconquista

Imagem de **Urraca**, mulher de **Ramiro**, irmão de **Sancho II** de Navarra (970-994), que juntos governaram o pequeno reino de Viguera.

Aos reis contemporâneos, os monges associam as lanças, as armas. Aos soberanos navarros, o mosteiro reservava a guerra fronteiriça e a protecção da comunidade cristã.

z

Os Heróis da Reconquista e a Realeza Sagrada Medieval Peninsular:
Afonso X e a **Primeira Crónica Geral de Espanha**

...Uma das grandes inovações introduzidas pela Crónica foi a de se encontrar escrita em língua vulgar, tal indicando que foi pensada para um (/131) auditório que em muito ultrapassava o restrito círculo dos clérigos letrados conhecedores do latim. Esse facto trouxe em si notáveis consequências: permitiu a inclusão no texto de fontes épico-lendárias relativas a heróis e feitos da Reconquista que até aí tinham sido menosprezados pelas histórias latinas compostas pelos eclesiásticos. Consistiam em relatos apologeticos das origens e do valor guerreiro dos antepassados das velhas famílias da alta fidalguia peninsular, como a dos senhores de Lara, ou noticiavam os feitos e carreira de cavaleiros actuantes na região da fronteira, sendo esse o caso, por exemplo, do **Cantar de Mio Cid**. No seu conjunto, testemunhavam a pujança de uma memória nobiliárquica construída à margem das crónicas dinásticas e oficiais latinas e, de certo modo, elaborada e conservada contra elas

